

Alexandre Dumas

O CONDE DE
MONTE
CRISTO

Tradução:

ANDRÉ TELLES E RODRIGO LACERDA



ZAHAR

Tradução de
Le Comte de Monte Cristo

Copyright desta edição © 2012:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Sandra Mager, Eduardo Monteiro
Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D92c Dumas, Alexandre, 1802-1870
O Conde de Monte Cristo / Alexandre Dumas; [tradução André
Telles e Rodrigo Lacerda]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

(Bolso de Luxo)

Tradução de: *Le Comte de Monte Cristo*
ISBN 978-85-378-0827-6

I. Romance francês. I. Telles, André. II. Lacerda, Rodrigo, 1969-
III. Título. IV. Série.

Prefácio

O registro civil do *Conde de Monte Cristo*

Sempre houve uma grande preocupação em saber como meus livros eram escritos e, principalmente, quem os escrevia. Era tão simples acreditar que era eu que ninguém pensou nisso. Por exemplo, na Itália, a opinião geral é que foi o florentino Dante que escreveu *O conde de Monte Cristo*. Por que não acham que fui eu que escrevi *A divina comédia*? Nesse aspecto, tenho exatamente os mesmos direitos... Direi então hoje o que esqueci de dizer em 1845, isto é, a maneira como se engendrou *O conde de Monte Cristo*.

Em 1841 eu morava em Florença, e o ponto de encontro da colônia francesa era a encantadora *villa* de Quarto, residência do príncipe Jerônimo Bonaparte e da princesa Mathilde, sua filha... A partir dessa época, o rei Jerônimo dispensou-me uma amizade que espero tenha conservado, mas da qual não pode dizer que me aproveito.

– Um dia – ele me conta, isso era no começo de 1842 –, Napoleão deixará o serviço de Wurtemberg e retornará a Florença. Ele não deseja, como você pode muito bem compreender, ficar exposto a lutar contra a França. Quero que o acompanhe em sua passagem por aqui.

– Estais recomendando um príncipe a mim, *sire*! E em que lhe posso ser útil?

– Pode ensinar-lhe a França, que ele não conhece, e fazer com ele alguns passeios pela Itália, claro, se tiver tempo.

– Ele conhece a ilha de Elba?

– Não.

– Pois bem, vou levá-lo à ilha de Elba, se tal for de vosso agrado. É bom que o sobrinho do imperador termine sua educação com essa peregrinação histórica.

– É de meu agrado e registro suas palavras.

O príncipe tinha então dezenove anos e eu, trinta e nove. Partimos para Livorno na caleche de viagem do príncipe, com nosso criado dividindo o assento com o postilhão.

Não podíamos ir ao diabo de maneira mais barata. Em todo caso, os marujos de Livorno não recuam diante de nada. Quando perguntamos se podiam nos levar à ilha de Elba em sua casca de noz: “À África, se for do gosto de Suas Excelências”, responderam.

No dia seguinte, às cinco horas fundeávamos em Porto Ferraio. Mas, vocês me dirão, caros leitores, que até agora *O conde de Monte Cristo* não tem muita coisa a ver com o que o senhor nos conta. Paciência, lá chegaremos.

Depois de percorrermos a ilha de Elba em todas as direções, decidimos fazer uma caçada na Pianosa. A Pianosa é uma ilha achatada, mal elevando-se a três metros acima do nível do mar. O imperador instalara lá a sua coutada, que abunda em coelhos e perdizes-vermelhas. Infelizmente, havíamos esquecido de levar um cachorro!

Um sujeito, feliz proprietário de um cãozinho malhado, dispôs-se a carregar nossa bolsa de caça, mediante dois *paoli*, bem como a nos emprestar seu cão. O cão nos fez matar uma dúzia de perdizes, que o dono carregou conscienciosamente. A cada perdiz com que recheava sua sacola, o sujeito dizia, dando um suspiro e lançando olhares para um magnífico rochedo em forma de pão de açúcar que se erguia a duzentos ou trezentos metros acima do mar: “Oh, Excelências, lá é que faríamos uma caçada de respeito!”

– Ora, o que há por lá?

– Cabras-selvagens aos bandos; a ilha está cheia.

– E como se chama essa ilha bem-aventurada?

– Chama-se ilha de Monte Cristo!

Foi a primeira vez e nessa circunstância que o nome de Monte Cristo ressoou aos meus ouvidos.

– Muito bem – eu disse ao príncipe –, e se fôssemos à ilha de Monte Cristo, monsenhor?

– Para a ilha de Monte Cristo – decidiu o príncipe.

No dia seguinte partimos para a ilha de Monte Cristo. O tempo estava magnífico dessa vez. Tínhamos o estrito necessário de vento para ir à vela, e essa vela, secundada pelos remos de nossos dois marujos, nos permitia fazer três léguas por hora. À medida que avançávamos, Monte Cristo parecia sair do seio do mar e crescer como o gigante Adamastor.

Nunca vi manto de anil mais belo do que aquele lançado sobre seus ombros pelo sol nascente. Às onze horas da manhã, restávamos apenas três ou quatro remadas a dar para atracarmos num pequeno porto. Já tínhamos nossos fuzis nas mãos, prontos para saltar em terra, quando um dos dois remadores nos perguntou:

– Suas Excelências sabem que a ilha de Monte Cristo está “em contumácia”?

– “Em contumácia”! – exclamei. – O que significa isso?

– Significa que, como a ilha é desabitada e todas as embarcações que atracam por aqui não dispõem de uma licença formal, qualquer porto para o qual retornarmos depois de pisarmos em Monte Cristo nos obrigará a ficar cinco ou seis dias de quarentena.

– E então, monsenhor, o que tem a dizer?

– Digo que esse rapaz fez bem em nos prevenir antes de atracarmos, mas que teria feito ainda melhor se nos tivesse prevenido antes de virmos.

– Monsenhor, não vá pensar que cinco ou seis cabras, que talvez não matemos, justifiquem cinco ou seis dias de quarentena, que certamente teremos de fazer.

– E quanto ao senhor?

– Não tenho nenhuma queda especial pelas cabras, e horror à quarentena, de maneira que, se monsenhor desejar...

– O quê?

– Simplesmente contornaremos a ilha.

– Com que finalidade?

– Levantar sua posição geográfica, monsenhor, depois do quê, retornaremos à Pianosa.

– Seja, façamos o levantamento geográfico da ilha de Monte Cristo. Mas para que isso nos servirá?

– Para batizar com o nome da ilha de Monte Cristo algum romance que escreverei mais tarde.

– Contornemos a ilha de Monte Cristo – disse o príncipe –, e envie-me o primeiro exemplar do seu romance.

No dia seguinte, estávamos de volta à Pianosa. Uma semana depois, a Florença. Em 1843, de volta à França, assinei um contrato com os senhores Béthune e Plon para lhes fazer oito volumes intitulados: *Impressões de viagem em Paris*.

A princípio julguei que ia fazer pura e simplesmente a coisa, quando uma bela manhã Béthune me veio dizer que pretendia ter um romance cujo pano de fundo seria o que eu bem entendesse, contanto que esse pano de fundo suscitasse interesse, e do qual as *Impressões de viagem em Paris* não passassem de detalhes. Ele estava embriagado com o sucesso de Eugène Sue.

Comecei a procurar uma espécie de enredo para o livro dos srs. Béthune e Plon. Eu fizera, muito tempo atrás, uma gozação com a polícia não secreta de Peuchet, através de uma narrativa com cerca de vinte páginas, intitulada *O diamante e a vingança*.

Tal como se apresentava, era pura e simplesmente idiota. Caso duvidem, podem lê-la. Nem por isso deixa de ser verdade que no fundo daquela ostra havia uma pérola; pérola informe, pérola bruta, pérola sem valor algum, e que aguardava seu lapidador. Resolvi

aplicar nas *Impressões de viagem em Paris* o enredo que eu extrairia dessa narrativa.

Assim, dei início ao trabalho mental que em mim sempre precede o trabalho material e definitivo. A primeira história era assim: um fidalgo riquíssimo, morador de Roma e chamado conde de Monte Cristo, prestaria um grande favor a um jovem viajante francês e, em troca desse favor, pediria a este que lhe servisse de guia quando, por sua vez, visitasse Paris.

Essa visita a Paris, ou melhor, em Paris, teria por pretexto a curiosidade; por realidade, a vingança. Em suas incursões através de Paris, o conde de Monte Cristo devia descobrir seus inimigos escondidos, que o haviam condenado em sua juventude a um cativeiro de dez anos. Sua fortuna lhe forneceria os meios para sua vingança.

Iniciei o livro sobre esta base, e com ela fiz um volume e meio, aproximadamente. Estava nesse ponto do meu trabalho, quando o comentei com Maquet, com quem eu já trabalhara em colaboração.

– Acho – ele me disse – que você está passando por cima do período mais interessante da vida do seu herói, isto é, por cima dos seus amores com a catalã, por cima da traição de Danglars e Fernand, e por cima dos dez anos de prisão junto com o abade Faria.

– Contarei tudo isso – tentei acalmá-lo.

– Não conseguirá fazê-lo em quatro nem cinco volumes, e há quatro ou cinco volumes aí dentro.

– Talvez você tenha razão. Volte então para jantar comigo amanhã, conversarmos sobre o assunto.

Durante a tarde, a noite e a manhã, eu ruminei sua observação. Ela me parecera de tal forma acertada que prevalecera sobre minha ideia inicial. Portanto, quando veio no dia seguinte, Maquet encontrou o livro fatiado em três partes bem distintas: Marselha, Roma, Paris.

Na mesma noite, elaboramos juntos o plano dos cinco primeiros volumes, um dedicado à exposição, três ao cativeiro e os dois últimos à evasão e à recompensa da família Morrel. O resto, sem

estar completamente acabado, estava mais ou menos destrinchado. Maquet julgava ter simplesmente me prestado um favor de amigo. Insisto que agiu como um colaborador.

Eis como *O conde de Monte Cristo*, iniciado por mim como impressões de viagem, transformou-se pouco a pouco no romance e se viu concluído em colaboração, por Maquet e por mim.

E, agora, quem quiser que descubra outra fonte para *O conde de Monte Cristo* sem ser a que aqui aponto; mas aquele que descobrir, é muito esperto.

ALEXANDRE DUMAS

Parte I



1. *Marselha – A chegada*

NO DIA 28 DE FEVEREIRO DE 1815, o vigia de Notre-Dame de la Garde avistou os três mastros do *Pharaon*, veleiro proveniente de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de praxe, um piloto-costeiro partiu imediatamente do porto, passou rente ao castelo de If e abordou a embarcação entre o cabo de Morgion e a ilha de Riou.

Como de praxe também, não demorou para a plataforma do forte Saint-Jean ficar apinhada de curiosos; pois a chegada de um pacote é sempre um grande acontecimento em Marselha, sobretudo quando este pacote, como o *Pharaon*, foi construído, aparelhado e arrimado nos estaleiros da velha Fócida e quando pertence a um armador da cidade.

Enquanto isso, o brigue avançava. Atravessara com destreza o estreito que algum abalo vulcânico escavou entre a ilha de Calasaire e a ilha de Jaros; dobrara Pomègue, e seguia em frente sob suas três velas da gávea, sua polaca e sua brigandina, mas tão lentamente e de modo tão triste que os curiosos, com o instinto que presagia a desgraça, perguntavam-se que incidente poderia ter acontecido a bordo. Os peritos em navegação, porém, constatavam que, se porventura um incidente acontecera, não devia ter sido no corpo da embarcação, pois esta avançava nas perfeitas condições de um navio normalmente pilotado: a âncora estava no poço, os ovéns do gurupés, desenganchados; e, ao lado do piloto, que se preparava para manobrar o *Pharaon* pelo estreito acesso ao porto de Marselha, postava-se um moço de gestos rápidos e olhar irrequieto, que supervisionava cada movimento do pacote e repetia cada ordem do piloto.

A vaga ansiedade que pairava sobre a multidão afligia especialmente um dos espectadores da esplanada de Saint-Jean, e a tal ponto que ele não conseguiu esperar a entrada do paquete no porto. Pulou dentro de um bote e ordenou que remassem na direção do *Pharaon*, ao qual alcançou em frente à enseada do La Réserve.

Ao ver aquele homem chegar, o jovem marujo deixou seu posto, ao lado do piloto, e foi, com o chapéu nas mãos, apoiar-se na amurada da embarcação.

Era um rapaz de dezoito ou vinte anos, alto, esbelto, com bonitos olhos negros e cabelos de ébano; havia em toda a sua pessoa aquela expressão de calma e resolução peculiar aos homens acostumados a enfrentar o perigo desde a infância.

– Ah, é você, Dantès! – gritou o homem do bote. – O que aconteceu? E por que essa atmosfera sombria espalhada por todo o seu costado?

– Uma grande desgraça, sr. Morrel! – respondeu o moço. – Uma grande desgraça, sobretudo para mim: na altura de Civita Vecchia, perdemos o nosso bravo capitão Leclère.

– E a carga? – perguntou ansiosamente o armador.

– Chegou sã e salva, sr. Morrel, e acho que ficará satisfeito nesse aspecto; mas o coitado do capitão Leclère...

– Que houve com ele? – perguntou o armador com a expressão visivelmente aliviada. – O que aconteceu com esse bravo capitão?

– Faleceu.

– Caiu no mar?

– Não, senhor; morreu de uma febre cerebral, em meio a terríveis sofrimentos.

Depois, voltando-se para os seus homens:

– E-lá-ó! – gritou. – Todos em seus postos para fundear!

A tripulação obedeceu. No mesmo instante, os oito ou dez marinheiros que a compunham lançaram-se uns nas escotas, outros

nos braços, outros nas adriças, outros nas carregadeiras de latina e, finalmente, os demais nas orças das velas.

O jovem marujo observou displicentemente aquele começo de manobra e, certificando-se de que suas ordens seriam executadas, voltou-se para o seu interlocutor.

– E como essa desgraça aconteceu? – perguntou o armador, continuando a conversa no ponto em que o jovem marujo a deixara.

– Meu Deus, senhor, da forma mais imprevista. Após uma longa confabulação com o comandante do porto, o capitão Leclère partiu muito agitado de Nápoles; vinte e quatro horas mais tarde, a febre tomou conta dele; três dias depois, estava morto. Providenciamos um funeral modesto, e ele repousa, decentemente amortalhado numa rede, com um projétil de trinta e seis nos pés e um na cabeça, na altura da ilha de El Giglio. Trouxemos sua cruz de honra e sua espada para a viúva. Quem diria – continuou o rapaz com um sorriso melancólico –, lutou durante dez anos contra os ingleses e foi morrer como todo mundo, na cama.

– Ora, é a vida, meu caro Edmond! – prosseguiu o armador, que parecia cada vez mais consolado. – Todos nós morremos, e os velhos têm que dar lugar aos jovens, sem o que não haveria progresso; e, na medida em que você me garante que a carga...

– ... encontra-se em bom estado, sr. Morrel, respondendo por ela. Eis uma viagem que na minha opinião não deve lhe render menos de vinte e cinco mil francos de lucro.

Quando deixaram para trás a torre redonda:

– Preparar para orçar as mesenas, a latina e a brigandina! – gritou o jovem marujo. – E rápido!

A ordem foi executada quase tão prontamente quanto numa nau de guerra.

– Amainar e orçar tudo!

À última ordem, todas as velas foram arriadas, e o paquete avançou quase imperceptivelmente, valendo-se exclusivamente do seu impulso.

– E agora, se quiser subir, sr. Morrel – convidou Dantès, percebendo a impaciência do armador –, eis o seu contador, o sr. Danglars, saindo da cabine. Ele lhe dará todas as informações que de-sejar. Quanto a mim, devo preparar a ancoragem e vestir o luto na embarcação.

O armador não esperou um segundo convite. Agarrou o cabo que Dantès lançou e, com uma destreza digna de um homem do mar, subiu os degraus que haviam sido presos no casco abaulado do pacote, enquanto Edmond, retomando seu posto de imediato, cedia a palavra àquele que anunciara como Danglars e que, saindo de sua cabine, avançava efetivamente na direção do armador.

O recém-chegado era um homem de vinte e cinco a vinte e seis anos, de fisionomia soturna, subserviente com os superiores, insolente com os subordinados; portanto, além de exhibir o título de contador, que sempre foi motivo de repulsa entre a marujada, era tão malvisto pela maioria da tripulação quanto Edmond Dantès, ao contrário, era benquisto.

– E então, sr. Morrel – disse Danglars –, já soube da desgraça, não soube?

– Soube, soube. Pobre capitão Leclère... Era um homem corajoso e honesto!

– E sobretudo um excelente marinheiro, envelhecido entre o céu e a água, como convém ao encarregado dos interesses de firma tão importante quanto a Casa Morrel & Filho – respondeu Danglars.

– Por outro lado – disse o armador, acompanhando Dantès com os olhos, o qual procurava um local para fundear –, não acho que seja preciso ser tão velho quanto o senhor diz, sr. Danglars, para conhecer seu ofício, e aqui está o nosso amigo Edmond, que exerce o dele, me parece, como homem que não precisa pedir conselho a ninguém.

– É verdade – disse Danglars, lançando a Dantès um olhar oblíquo no qual brilhou uma faísca de ódio –, sim, ele é jovem e não

hesita diante de nada. Mal o capitão morreu, assumiu o comando sem consultar ninguém, fazendo-nos perder um dia e meio na ilha de Elba em vez de retornar diretamente para Marselha.

– No que se refere a assumir o comando do navio – disse o armador –, era seu dever como imediato; já quanto a perder um dia e meio na ilha de Elba, cometeu um erro; a menos que a embarcação estivesse avariada e precisasse de reparos.

– O pacote estava tão bem de saúde quanto eu estou, e como espero que o senhor esteja, sr. Morrel; e aquele dia e meio foi perdido por puro capricho, pelo simples prazer de desembarcar.

– Dantès – chamou o armador, voltando-se para o rapaz –, venha cá.

– Perdão, senhor – disse Dantès –, serei todo seu daqui a um instante.

Então, dirigindo-se à tripulação:

– Deitar ferros! – ordenou.

A âncora caiu no mesmo instante, e a corrente desceu estrepitosamente. Dantès permaneceu em seu posto, a despeito da presença do piloto, até que esta última manobra se concluísse. Em seguida:

– Arriar flâmula a meio-mastro, enrolar o pavilhão, cruzar as vergas!

– Como pode ver – disse Danglars –, ele já se julga capitão; pode acreditar.

– E o é de fato – replicou o armador.

– Sim, sr. Morrel, faltam apenas a sua assinatura e a do seu sócio.

– Ora! Por que não o deixaríamos no posto? – perguntou o armador. – É moço, sei disso, mas me parece talhado para a coisa e já bastante experiente.

Uma nuvem atravessou a frente de Danglars.

– Perdão, sr. Morrel – disse Dantès, aproximando-se. – Agora que o pacote encontra-se ancorado, estou à sua disposição: me chamou, não foi?

Danglars recuou um passo.

– Eu gostaria de saber por que fez escala na ilha de Elba...

– Ignoro, senhor; foi para executar uma última ordem do capitão Leclère, que, ao morrer, entregou-me uma encomenda destinada ao grão-marechal Bertrand.

– Então esteve com ele, Edmond?

– Com quem?

– Com o grão-marechal.

– Sim.

Morrel olhou à sua volta e puxou Dantès à parte.

– E como vai o imperador? – indagou, vivamente interessado.

– Bem, até onde os meus olhos puderam julgar.

– Então esteve também com o imperador?

– Ele entrou nos aposentos do marechal enquanto eu estava lá.

– E falou com ele?

– Na verdade, foi ele quem falou comigo, senhor – respondeu Dantès, sorrindo.

– E o que ele disse?

– Fez-me perguntas acerca do pacote, sobre a data de sua partida para Marselha, a rota que fizera e a carga que transportava. Creio que se o pacote estivesse vazio e eu fosse o dono, sua intenção teria sido comprá-lo; mas esclareci que eu não passava de um simples imediato e que a embarcação pertencia à Casa Morrel & Filho. “– Ah! ah! – ele disse. – Eu a conheço. Os Morrel são armadores de pai para filho, e havia um Morrel servindo no mesmo regimento que eu, quando fiquei aquartelado em Valence.”

– Por Deus, é a pura verdade! – exclamou o armador exultante. – Era Policar Morrel, meu tio, mais tarde promovido a capitão. Dantès, se disser ao meu tio que o imperador lembrou dele, vai fazer o velho resmungão chorar. Vamos, vamos – continuou o armador, batendo amistosamente no ombro do rapaz –, você agiu corretamente, Dantès, seguindo as instruções do capitão Leclère e fazendo

escala na ilha de Elba, embora, se souberem que entregou uma encomenda para o marechal e conversou com o imperador, isso possa comprometê-lo.

– Em que isso poderia me comprometer, senhor? – perguntou Dantès. – Sequer imagino do que se tratava, e o imperador me fez apenas as perguntas que teria feito a qualquer forasteiro. Mas, perdão – observou –, eis que chegam o departamento sanitário e a aduana; o senhor me dá licença, não?

– Vá, vá, meu caro Dantès.

O rapaz se afastou e, enquanto se afastava, Danglars se aproximou.

– E então – ele perguntou –, será que ele lhe deu boas razões para ter fundeado em Porto Ferraio?

– Excelentes, meu caro sr. Danglars.

– Ah, melhor assim – este respondeu –, pois é sempre desagradável ver um colega descumprindo seu dever.

– Dantès cumpriu o dele – respondeu o armador –, e não há nada a lhe censurar. Foi o capitão Leclère quem ordenou essa escala.

– A propósito do capitão Leclère, ele não lhe entregou uma carta?

– Quem?

– Dantès.

– A mim. Não! Então havia uma carta?

– Acho que, além da encomenda, o capitão Leclère lhe deu uma carta.

– De que encomenda está falando, sr. Danglars?

– Mas daquela que Dantès deixou ao passar por Porto Ferraio...

– Como sabe que havia uma encomenda a ser deixada em Porto Ferraio?

Danglars ficou vermelho.

– Eu estava passando em frente à porta do capitão, que estava entreaberta, e o vi entregar essa encomenda e essa carta a Dantès.